

Arnaldo Niskier*

A capital mundial do livro

O Rio de tantas culturas tornou-se capital mundial do livro em seu 460º ano de fundação. Em comemoração à data, o Prefeito Eduardo Paes mandou realizar no Teatro Municipal Carlos Gomes, inteiramente reformado, um espetáculo de grande projeção artística, com a lembrança de quantos autores e artistas trabalharam para que isso fosse uma realidade.

Trata-se de um reconhecimento internacional da Unesco, que devemos comemorar, reafirmando o poder dos livros como instrumentos de cultura. Assim se reconhece a impor-

tância das bibliotecas públicas, dos festivais e feiras de literatura, mostrando como os autores cariocas ou os que vivem no Rio de Janeiro têm o poder de moldar sociedades.

O Rio é a primeira cidade de língua portuguesa que se torna Capital Mundial do Livro desde a sua instituição, há 25 anos, pela Unesco. No espetáculo encenado no Carlos Gomes, foram homenageados autores como Monteiro Lobato, Ziraldo, Maurício de Sousa, Ana Maria Machado, Rachel de Queiroz, Lígia Fagundes Teles e outros citados pelo Prefeito Eduardo Paes, com obras no-

táveis que fazem parte da nossa literatura, também representada, na ocasião, pela presença de imortais da Academia Brasileira de Letras.

Deve-se registrar que vivemos numa cidade acolhedora de artistas e criadores de conteúdo em geral. São valores cultivados com muita propriedade, no Rio de Janeiro, e que por isso se faz único na cena brasileira, mesmo para os que nasceram em outros Estados. É um pólo fundamental de produção e difusão da cultura e da leitura em nosso país.

Aqui se estabeleceram algumas das principais editoras do

país e, por isso, o Rio se torna com muita propriedade a Capital Mundial do Livro, fato que devemos comemorar com muita alegria. Além das editoras, temos também um número importante de livrarias, como é o caso da Travessa, com os seus lançamentos sucessivos. O editor Sérgio França é um entusiasta desse movimento, exercendo suas atividades na direção da Editora Zit.

***Escritor. Mero da Academia Brasileira de Letras e Comendador do Superior Tribunal do Trabalho**

Aristóteles Drummond

Favelão de concreto não

O excelente programa de ocupação do centro do Rio de Janeiro, para passar a ter também moradores, precisa ser acompanhado com cuidado, sob risco de se tornar um grande problema, e não um avanço no contexto de reerguimento da querida cidade.

Os sucessivos lançamentos de edifícios com unidades em torno de 40 metros quadrados excluem casais com filhos ou filhos por vir, e não parece ter oferta de dois ou três quartos. O mais importante, porém, é que prevaleça os cuidados para que não tenham problemas como os vividos por muitos anos no pioneiro prédio da Rua de Santana, esquina da Av. Presidente Vargas, mais conhecido como “balança, mas não

cai” – problemas financeiros do condomínio deixou o imóvel sem elevadores.

O anunciado lançamento no terreno conhecido como Buraco do Lume não pode ser aprovado. Fica no coração do centro, em frente à Assembleia Legislativa, a poucos metros da Av. Rio Branco e do Largo da Carioca e já está incorporado à paisagem da área. Deve sofrer intervenção paisagística de qualidade. Abrigar moradores é um avanço, favelizar e denegrir o centro histórico, uma barbaridade. E ali estão patrimônios como Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Justiça Federal, Clube Militar e Clube Naval. Tudo a ser preservado e mais bem aproveitado. Afinal, abundam

outras opções de reformas em imóveis existentes.

Medida cautelar seria obrigar um elevador a cada oito andares, meio de diminuir o risco de colapso no serviço essencial.

O governo municipal poderia montar, com a Arquidiocese do Rio, um projeto a ser bancado por suas poderosas instituições federal na região – BNDES e Petrobras – para restauração das igrejas do centro. Algumas, como a N. S. do Carmo, estão sob risco iminente de uma tragédia. O turismo histórico e religioso seria importante para a área.

Há grande preocupação da prefeitura em restaurar o centro, mas é preciso atenção para detalhes e características da

população pouco habituada à importância de preservar o patrimônio histórico e artístico.

O centro precisa de moradores que saibam usufruir da infraestrutura de qualidade. Mas não pode nem deve correr o risco de se tornar um favelão de concreto, com suas marcas habituais.

Também seria oportuno um convênio da prefeitura com os incorporadores no sentido de aumentar a oferta de imóveis para uso familiar e, sempre que possível, reservar espaço para a infância usufruir da qualidade no morar.

A hora de pensar no conjunto do projeto, e seus riscos, é essa. Com o passar do tempo, o sonho pode se tornar um pesadelo.

Márcio Coimbra*

Apagão de Soberania

Nesta semana, um colapso energético sem precedentes deixou milhões de pessoas no escuro em pelo menos 12 países europeus, em especial Portugal e Espanha. O apagão, considerado o maior da última década, paralisou transportes, hospitais e redes de comunicação, além de causar prejuízos econômicos estimados em bilhões de euros.

As causas apontadas até o momento falam de um incêndio em uma subestação crítica na Alemanha, passando por um ataque cibernético e até um fenômeno atmosférico raro devido a variações extremas de temperatura no interior da Espanha. Em suma, ninguém até o momento consegue apontar com exatidão o que pode ter acontecido.

Isto nos leva a um ponto que começa a ser discutido em várias nações e recentemente chegou até o Brasil. Por necessidade de investimento, muitos países estão entregando partes significativas de suas infraestruturas para investidores internacionais, inclusive para países que confundem o conceito empresarial

com uma espécie de capitalismo de Estado. O resultado é que a infraestrutura de diversas nações hoje repousa sob domínio de países que possuem interesses e agenda próprios.

Em Portugal, a REN (Redes Energéticas Nacionais) é a empresa responsável pela gestão das redes de transporte de eletricidade e gás natural. Funciona como operadora do sistema energético nacional, garantindo a segurança e eficiência do abastecimento de energia no país. Desde 2012, a China State Grid detém 25% de suas ações. Na Espanha, epicentro do apagão, a Red Eléctrica de España, operadora do sistema elétrico nacional espanhol, tem 24,36% de suas ações repousando nas mãos da mesma China State Grid, que desde 2017 tornou-se a maior acionista privada da empresa.

Tanto em um caso como no outro, foram intensos os debates sobre a influência estrangeira em setores estratégicos. O dinheiro chinês, entretanto, falou mais alto. Foram pagos 2,1 bilhões de euros pela Red

Eléctrica de España em 2017 e 387 milhões de euros pela participação na Redes Energéticas Nacionais portuguesas em 2012. Isto sem falar na EDP, que gera e distribui eletricidade (com forte presença da China Three Gorges) e na participação acionária chinesa na espanhola Iberdrola S.A.

No Brasil, a China State Grid controla cerca de 14% da rede de transmissão nacional, com o domínio de linhas no Norte e Nordeste e projetos no Centro-Oeste e Sudeste, sem contar com linhas de 1.500 km no Pará e Maranhão e parcerias com Furnas. Desde 2017 também controla 54,64% da CPFL Energia, adquirida por R\$ 25,8 bilhões, atuando em São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná.

No intuito de evitar a sobrecarga de um país ou companhia em setores sensíveis, o parlamento começou a se mobilizar com a proposta de criação do Comitê de Triagem e Cooperação para Investimentos Estrangeiros Diretos, um órgão responsável por avaliar e mo-

nitonar aportes estrangeiros em setores estratégicos da economia nacional, como já acontece nos Estados Unidos, Alemanha e China em áreas como energia, defesa e tecnologia. A proposta poderá equilibrar abertura econômica e segurança nacional, posicionando o Brasil como um destino atrativo e responsável para investimentos internacionais. Ao diminuir nossa vulnerabilidade, é possível que possamos nos proteger dos riscos enfrentados pela Europa nesta semana. Mais do que ficar sem energia, tudo indica que estes países vivem um apagão em suas soberanias.

***CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal**

EDITORIAL

CNI: juros altos afetam o próprio governo

A princípio amenizado pelo setor, o tarifaço perpetrado pelo irascível presidente dos EUA, Donald Trump, continua a ser objeto de preocupação crescente da indústria, conforme admitiu, na última quarta-feira (30), o presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Ricardo Alban, em entrevista concedida à uma emissora de rádio.

Para o dirigente, além do fator externo, no âmbito interno, o maior problema, recorrente, são os juros elevados, a exemplo da taxa básica (Selic), já no altíssimo patamar de 14,25% ao ano e prestes a subir ainda mais, na próxima reunião do Copom-BC (Comitê de Política Monetária do Banco Central), prevista para ocorrer nessa semana.

Ao comentar, em específico, a questão do aperto monetário, Alban explicou que este implica dois efeitos negativos, ao mesmo tempo, pois, além de prejudicar os cofres públicos – devido ao aumento cavalares do custo da dívida pública federal – afeta o setor privado, ao inibir novos investimentos industriais.

“Temos uma Selic que embute juros reais de quase 9%, o que

é astronômico. Mesmo assim, o mercado financeiro embute juros de 12%. É impossível a atividade econômica se desenvolver de maneira sustentável e sadia a médio e longo prazo”, ressaltou o dirigente industrial, ao pregar a necessidade de ‘persistência no diálogo’ como a melhor estratégia, ante à a nova política comercial adotada pelos EUA. “Isso não significa que sejamos acomodados. Precisamos ser proativos. Perseverar no diálogo em momentos tão tensos é imprescindível”, acrescentou.

Ao mesmo tempo, o líder industrial entende que o país precisa ‘estar atento’ aos efeitos da medida ‘trumpiana’ sobre a reorganização dos fluxos de comércio do setor produtivo nacional brasileiro. “O mais urgente não são os 10% de tarifas impostas sobre o Brasil, mas o impacto da sobreoferta de produtos chineses aqui por causa dessa guerra comercial entre Estados Unidos e China”, alertou.

Alban reiterou, ainda, que somente um ‘pacto nacional entre os poderes da República, os setores da economia e a sociedade civil viabilizará o desenvolvimento econômico, ante um cenário de polarização política.

Sem incêndios este ano

Daqui a mais algumas semanas, as nuvens cinzas, as pancadas de chuva e os gramados verdes irão começar a cessar em Brasília. Está perto o início do período da seca. Que, para muito além da estiagem, traz os riscos de grandes incêndios.

No ano passado, a cidade viu entristecida e preocupada o fogo se alastrar pelo Parque Nacional de Brasília. Durante dias, uma enorme área do parque queimou. Fotos assustadoras mostravam o incêndio muito próximo das pessoas e dos automóveis em áreas como o Setor Noroeste.

Felizmente, este ano o Governo do Distrito Federal (GDF) parece ter se preparado previamente para esses riscos. Na quarta-feira, foi lançada a Operação Verde Vivo, para reforçar o combate a incêndios florestais.

A ação terá o suporte de viaturas especializadas, brigadas florestais, aeronaves e ferramentas de georreferenciamento para o monitoramento das áreas mais suscetíveis aos incêndios florestais. Num trabalho integrado do

Corpo de Bombeiros, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do Instituto Brasília Ambiental (Brasília Ambiental). Ou seja, integração das forças do GDF com as forças federais. Uma bem-vinda associação, já que Brasília é a capital de todos.

O principal ponto de destaque da operação é seu caráter preventivo. Não é novidade para ninguém que vive em Brasília que o clima aqui basicamente se altera em duas estações. No início do ano, chove. Na metade do ano, nada chove.

Se é sempre assim, se sempre foi assim há 65 anos, não há nada que surpreenda. Brasília precisa estar prevenida para os períodos de seca e para os de chuva.

Nem as florestas podem queimar na seca, nem as águas podem inundar as quadras no tempo de chuva.

Prevenção é fundamental. A Operação Verde Vivo merece aplausos.

Opinião do leitor

Seleção

Ancelotti desistiu. Sonho da CBF quase vira pesadelo. Presidente Ednaldo Rodrigues, não fique deprimido. Não vale a pena. Machado de Assis ensina que “é melhor cair das nuvens do que do décimo andar”. O Brasil tem treinadores capacitados. Renato Gaúcho é forte e bom exemplo. Seleção ficaria em boas mãos.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JUSTIÇA ESPANHOLA JULGA MINISTROS DE RIVERA

As principais notícias do Correio da Manhã em 2 de maio de 1930 foram: Mermoz voa para o Senegal para fazer a travessia do

Atlântico e desembarcar em Natal. Justiça espanhola inicia julgamentos dos ministros da época de Primo de Rivera. Entrou na URSS o novo có-

digo soviético que dá enormes prerrogativas aos soldados vermelhos e suas famílias. Situação na Índia não diminui sua gravidade.

HÁ 75 ANOS: UDN SE ARTICULA PARA LANÇAR EDUARDO GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 2 de maio de 1950 foram: UDN se articula para sacramentar o nome de Eduardo

Gomes à presidência. PSB deve apoiar a candidatura do brigadeiro. PSD adia sua convenção por falta de consenso político. Senado vai ouvir

em sessão secreta o Ministro da Fazenda. Temporal impede comício estudantil ao brigadeiro e deixa a cidade do Rio em alerta.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.